



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**DENISON SOARES COSTA**

**O PAPEL DA MULHER EM DONA NARCISA DE VILLAR**

**ARAGUAÍNA/TO  
2019**

**DENISON SOARES COSTA**

**O PAPEL DA MULHER EM DONA NARCISA DE VILLAR**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário De Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de licenciado e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Pedro Albeirice da Rocha

ARAGUAÍNA/TO  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S676p Soares Costa, Denison.  
O PAPEL DA MULHER EM DONA NARCISA DE VILLAR. / Denison  
Soares Costa. – Araguaína, TO, 2019.  
43 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.

Orientador: Pedro Albeirice da Rocha

1. Literatura. 2. Mulher. 3. Sociedade. 4. Romance. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**DENISON SOARES COSTA**

## **O PAPEL DA MULHER EM DONA NARCISA DE VILLAR**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de licenciado e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha (UFT)

---

Prof. Dr. Plínio Sabino Sales(UFT)

---

Prof. Me. Juliane Pereira Sales (UFT)

ARAGUAÍNA/TO  
2019

*Dedico esse trabalho à minha família, em especial meu pai José Wilamis da Costa, que não poupou suor, lágrimas e dedicação para que eu concluísse minha formação acadêmica.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me capacitado para mais essa vitória.

Aos meus pais, cada um a sua maneira se sacrificou para que eu realizasse esse sonho.

Aos amores de minha vida, Sandra e Gaby, sempre me incentivando em todos os momentos.

Ao meu orientador e amigo Professor Dr. Pedro Albeirice por tantos momentos de aprendizado, grande profissional, grande escritor que além de me ensinar me inspira a ser um escritor melhor.

Aos amigos e familiares que de maneira direta ou indireta me auxiliaram nessa jornada.

As minhas amigas de fé, minhas irmãzinhas camaradas carinhosamente apelidadas de minha facção representadas pelas minhas duas melhores amigas de jornada: Jane Kelly e Marisa, ao meu amigo João Victor, meu grande companheiro de TCC.

A todos os profissionais da Universidade Federal do Tocantins, local onde fui de fato, bem acolhido e pude desenvolver e aprimorar meus conhecimentos.

A todos os professores do Colegiado de Letras que foram de fundamental importância na minha caminhada, em especial as professoras Eleuda, Miliane, Naiana e os queridíssimos João de Deus, Francisco Edviges, Luís Roberto Peel, Plínio Sabino Sélis, José Manoel e Wandercey.

## RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Dona Narcisa de Villar*, de Ana Luísa Azevedo Castro, a Indígena do Ypiranga. É um romance resgatado há menos de três décadas, embora produzido e lançado ainda no século XIX. O estudo justifica-se pela necessidade de se pesquisar a maneira como a Mulher é vista em narrativas escritas por elas mesmas. Ao analisar a historiografia do século XIX, raramente se constata nomes de autoras femininas com considerável destaque. A proposta é realizar uma reflexão sobre a representatividade das mulheres na obra mencionada a partir do objetivo principal de identificar como as personagens femininas são representadas no romance e na sociedade. São objetivos específicos do estudo: analisar o texto do romance em questão (com foco em quê?); a importância de serem estudadas obras de autoria feminina esquecidas em determinada época; refletir sobre o papel da mulher na literatura e na sociedade. A metodologia adotada para a realização desse estudo englobou um levantamento de cunho bibliográfico (sobre?) para apoio às reflexões acerca dos papéis femininos observados no romance. Os apontamentos obtidos por meio deste trabalho revelaram que, para as mulheres obterem êxito em sua luta por liberdade e reconhecimento, foram necessárias várias batalhas ao longo do tempo, e que, graças à persistência e ao engajamento coletivo, a mulher têm conseguido reescrever seu papel na História.

**Palavras-chaves:** Literatura, mulher, sociedade.

## ABSTRACT

This work analyzes the novel *Dona Narcisca de Villar*, wrote by Ana Luísa Azevedo Castro, the Ypiranga Indigenous. It is the novel rescued less than three decades ago, but it has been produced and released still on the nineteenth century. The study justifies by the needness to research the way as women has been viewed in their own narratives. In analyzing nineteenth-century historiography, seldom to see any names of female authors. The proposal is to make a reflection on the representativeness of women in the mentioned work form the aim to understand how the female characters are represented in the novel and in the society. The study's specific objectives are: to analysis of the text of the novel in question; to draw attention to the importance to study forgotten works of female authorship; to reflect on the role of women in literature and society. A methodology adopted was bibliographic survey as support for the female roles observed in this novel. The results of this work through these revealed studies proved that women have been victims of several battles in their struggle for freedom and recognition. Adctionally, it is thanks to the persistence and collective engagement, the woman has been able again to rewrite her role in history.

**Keywords:** Literature, woman, society.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. O LUGAR DA MULHER NUMA SOCIEDADE AINDA PATRIARCAL .....</b>	<b>16</b>
2.1 REESCREVENDO PAPÉIS .....	20
<b>3. MULHER E LITERATURA: BREVE PANORAMA.....</b>	<b>23</b>
3.1 SIMONE DE BEAUVOIR.....	24
3.1.1 O SEGUNDO SEXO.....	26
3.2 VIRGINIA WOOLF .....	27
3.2. 1 UM TETO TODO SEU.....	29
3.3 NÍSIA FLORESTA.....	31
3.3.1 OPÚSCULO HUMANITÁRIO.....	32
<b>4. A CONDIÇÃO DA MULHER NO ROMANCE “DONA NARCISA DE VILLAR” .....</b>	<b>35</b>
4.1 O ROMANTISMO NO BRASIL: BREVE NOTA .....	35
4.2 O ROMANCE DONA NARCISA DE VILLAR.....	36
4.3 ANÁLISE DA CONDIÇÃO DA MULHER NO ROMANCE .....	39
4.3.1 DONA NARCISA.....	39
4.3.2- EFIGÊNIA.....	40
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Como escritor, sempre fui apaixonado por romances. Ao ler os grandes clássicos da literatura, me provocava a imaginar outros desfechos para as histórias. Ao brincar de redesenhar as histórias, sentia-me um privilegiado, pois podia redistribuir o destino das personagens da maneira que achasse conveniente.

Nessa busca por novidades, recentemente fui apresentado ao romance “Dona Narcisa de Villar” e encantei-me pela história. Não é apenas um romance, a narrativa contada por Ana Luíza de Azevedo Castro representa o grito da voz feminina por liberdade e reconhecimento numa época em que o palco da produção literária era um ofício privilegiadamente masculino.

Sou filho de mãe analfabeta e pai de uma poetisa. De certa forma, essa condição me posiciona em um universo paralelo entre a personagem Efigênia e a protagonista-título do romance, Dona Narcisa de Villar. Semelhantemente à índia Efigênia, minha mãe Eliane sacrificou-se o quanto pôde para criar os filhos. Por sua vez, minha filha Gaby por meio de seus ensaios poéticos, representaria, se posso assim dizê-lo, a nova mulher, aquela que questiona sua época e as posições que lhe são impostas, assim como fez Dona Narcisa quando foi coagida ao casamento.

A leitura de clássicos femininos sempre me inspiraram. Desde livros consagrados como “Frankenstein” de Mary Shelley (1918) aos clássicos nacionais, como “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector (1977) e o angustiante “O Quarto de Despejo” (1960) de Carolina Maria de Jesus. Esses livros me apaixonaram pela escrita feminina, embora possa dizer, de um modo particular, que não contextualizam em suas narrativas todas as dificuldades impostas para que uma mulher se torne escritora.

De fato, as obras escritas por mulheres esbarram em adversidades que vão além do perene preconceito contra o sexo “frágil”. Historicamente houve sempre um contexto ideológico, político e social atuando contrariamente ao feminino, com a intenção de aprisionar a mulher na condição de uma mera reprodutora sexual e/ou empregada doméstica.

Essa configuração histórica da mulher na sociedade começou a mudar a partir da luta feminina por emancipação cuja bandeira foi erguida inicialmente pelas frentes feministas do início do século XIX. Em minhas pesquisas sobre a luta feminina em busca de liberdade e reconhecimento, a leitura de grandes ícones da bandeira feminista foi de fundamental importância para minha formação como acadêmico, como pai e principalmente como escritor.

Contextualizado da luta feminista, compreendi a complexidade que o hábito da escrita representa na vida das mulheres. A sociedade patriarcal determina a posição da mulher como uma mera boneca ou escrava dos desígnios masculinos. Não seria interessante para o poder vigente ter as mulheres em posições de destaque na sociedade. Assim, para a mulher feminista a escrita passa a ser uma arma de afirmação do seu valor no enfrentamento do machismo presente.

O presente trabalho enfoca a literatura de autoria feminina do século XIX em favor de realizar uma reflexão sobre a representatividade da mulher na literatura e na sociedade desde então. Como recorte ao tema, o estudo toma como obra referencial o romance “Dona Narcisa de Villar”, datado de 1856 e escrito por Indígena do Ypiranga, pseudônimo de Ana Luíza de Azevedo Castro.

Ao analisar a historiografia do século XIX, constatou-se raríssima a menção de nomes de autoras femininas de destaque. A visão das mulheres da época e de hoje sobre si em narrativas escritas por elas mesmas, tanto em relação ao seu papel na literatura quanto na sociedade, isso numa época em que a escrita ainda era um privilégio dado exclusivamente aos homens, e da luta da mulher em afirmar-se como escritora desde então, torna-se portanto, necessária e justifica a presente proposta de trabalho.

Sendo assim, o objetivo principal deste estudo foi o de compreender como as personagens femininas do romance de Ana Luíza de Azevedo Castro são representadas na narrativa e na sociedade. Os objetivos específicos que subsidiaram o propósito principal do presente trabalho foram: *i.* analisar o texto do romance em questão enfocando a construção narrativa das personagens femininas na obra como representativas da mulher na literatura e na sociedade; *ii.* chamar a atenção acerca da importância de serem estudadas obras de autoria feminina esquecidas em determinada época a partir da apresentação de nomes destacáveis e; *iii.* refletir sobre o papel da mulher na literatura e na sociedade.

A metodologia adotada para a pesquisa engloba um levantamento de cunho bibliográfico para apoio às reflexões sobre os papéis femininos observados no romance em estudo.

Esse levantamento possibilitou fundamentar a reflexão ora apresentada. Entre as principais referências estão os textos de FLORESTA (1989), SAFFIOTI (1987), WOOLF (1928) entre outros.

Seguinte a essa introdução, apresentamos o segundo capítulo que compõe o presente trabalho. O mesmo traz uma breve discussão acerca do papel da mulher na sociedade. Primeiramente, abordamos o discurso de dominação da mulher que, como fundamento

principal da sociedade oitocentista, restringia o acesso da população feminina às posições inferiores da sociedade. Em segundo, propomos que esse forte discurso parece ainda encontrar adeptos em nosso tempo. A dita contemporaneidade, muito embora não se assuma patriarcal, mas por meio de uma frágil contra-argumentação a esse modelo, dissemina a falsa ideia de equidade entre os gêneros, quando na verdade, se alimenta do abismo existente entre homens e mulheres. Como justificativa de tal afirmação, apresentamos alguns argumentos que ratificam a perpetuação do poder do macho e contrapartida ao posicionamento de algumas defensoras da emancipação feminina.

No terceiro capítulo apresentamos um breve panorama da mulher na Literatura. Explicitamos o pensamento de grandes escritoras feministas a partir da análise de recortes de suas obras. Damos destaque às colaborações de Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir e Nísia Floresta na luta pelos direitos femininos, em especial a luta por liberdade a partir da educação.

O quarto capítulo traz a análise da obra enfoque deste estudo: o romance “Dona Narcisa de Villar” de Ana Luíza de Azevedo Castro. A narrativa conta a história de amor vivida por Dona Narcisa de Villar e o índio Leonardo.

Em correspondência ao objetivo principal de análise da obra, damos destaque às personagens femininas Dona Narcisa de Villar, protagonista e personagem título da história, e a escrava Efigênci. Analisamos a construção narrativa das duas personagens, salientando suas características de modo a conceber suas figuras como representativas da mulher e de seu papel na literatura e na sociedade de então. Cada atitude descrita pela autora-narradora da história parece representar o modelo das mulheres da época. Como reforço à análise, propomos também a contextualização das personagens com a configuração da mulher no Romantismo, escola literária na qual a obra analisada se insere historicamente.

## 2. O LUGAR DA MULHER NUMA SOCIEDADE AINDA PATRIARCAL

Historicamente desde sua concepção, às mulheres são direcionadas as tarefas domésticas, pois desde sempre uma grande parcela da sociedade idealiza que a maternidade e as obrigações do lar são qualidades obrigatoriamente indispensáveis ao público feminino, assim como as virtudes da bondade e da delicadeza. Uma posição feminina contrária a essa “natural inclinação” numa dada época resultaria em classificações nada santificadoras à mulher. Como bem argumenta Telles (2002):

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. Esse discurso naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. (TELLES, 2002, p. 403)

A sociedade atua como um quebra-cabeça de modo a posicionar cada pessoa no lugar que lhe foi ordenado. Desse modo, a mulher já tem antes mesmo de seu nascimento, o direcionamento de qual posição deverá ocupar na sociedade. A maternidade é o seu lugar biológica e socialmente determinado. É-lhe um dom e uma maldição. torna-se um dom e uma maldição. A mesma sociedade que põe a mulher no pedestal, pois ela é biologicamente a detentora da vida, por essa mesma natural condição a condena a ficar reclusa aos afazeres domésticos e à criação dos filhos.

A partir do momento que a sociedade direciona a mulher para o papel de mãe, automaticamente já delimita como deverá ser o comportamento feminino. A expressão: “lugar de mulher é pilotando fogão” é apenas uma entre milhares de frases machistas que ainda hoje ecoam para denegrir a capacidade das mulheres em conseguir executar as mais diversas profissões. Muitos ainda usam esse argumento para negar às mulheres os mesmos direitos que têm os homens.

Tal imposição tem delegado à mulher a condição de sujeito em constante luta por liberdade e reconhecimento. Não é de hoje que a mulher é um sujeito da luta por seus direitos, essa batalha vem sendo travada há muito tempo.

A verdade é que mesmo que as mulheres sejam biologicamente determinadas à maternidade, isso não as impede de se desenvolver profissionalmente tanto quanto os

homens.. A respeito dessa tentativa de “encaixar” a mulher em papel de menor destaque, Saffioti (1987), argumenta que:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (p.8)

A sociedade direciona a mulher para assumir seu papel de dona de casa, de boa esposa. O treinamento para essas funções já se inicia na infância, quando na maioria das vezes os pais (em especial às mães) já lhe incentivam à maternidade, presenteando-lhes com bonecas, ursinhos, panelinhas, algo que seja mais condizente com sua futura ocupação. Continua a valer, portanto, a política do “menina veste rosa, menino veste azul”, tão ovacionada em nossa época. Um direcionamento coercitivo que em nossos dias é iniciado, muitas vezes, já no pré-natal, quando o pediatra revela qual será o sexo da criança.

Em contrapartida ao exposto, importante é que se faça o seguinte questionamento: e se a mulher não quiser cumprir apenas esse papel?

De fato, muitas mulheres na história não o quiseram cumprir. Conseguiram se libertar desse destino investindo em educação. Sim, historicamente sabe-se que educar-se foi e é alternativa recorrente para a salvação e a emancipação feminina. Mas para que esse direito tornasse desfruto de todas as mulheres, incluindo as de hoje, foram necessárias muitas batalhas.

O certo é que com acesso à educação, as mulheres começaram aos poucos conquistar novas áreas de atuação, além dos papéis de esposa e mãe. A esse respeito, destaque se dá ao trabalho de Nísia Floresta<sup>1</sup>. Como diretora de escolas para meninas e como escritora de livros voltados à orientação feminina e outros escritos em defesa de minorias, Nísia Floresta foi uma grande defensora da educação para mulheres. Como bem destaca Duarte (2010):

Num tempo em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia trancafiada em casa sem nenhum direito; quando o ditado popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor” e tinha foros de verdade para muitos, nesse tempo Nísia Floresta dirigia colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia livros e mais livros

---

<sup>1</sup> Esse pseudônimo pertence a Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari (RN), em 1810. Autora de importantes títulos sobre a mulher, professora e fundadora de colégios para meninas, que muito contribuiu para o avanço da educação feminina no Brasil.

para defender os direitos femininos, dos índios, e dos escravos. (DUARTE, 2010, p.12).

Nísia Floresta defendia que para o Brasil evoluir enquanto nação, o país precisaria avançar na educação e para que isso acontecesse seria necessário garantir as mulheres esse direito tão básico. Mesmo fortemente influenciada pelos moldes tradicionais da sociedade de sua época, o textos de Nísia já eram, naquela época, um importante apelo em favor da educação de qualidade para as mulheres. A autora acreditava eu para que a mulher pudesse, no futuro, exercer com maestria sua competência de mãe, importante era que ela tivesse oportunidade de desenvolver-se.

De todo modo, a garantia do direito à educação para as mulheres foi um divisor de águas nas conquistas femininas no final do século XVIII e início do século XIX em diante. A partir desse direito, as mulheres começaram a engatinhar para novas áreas de trabalho.

A garantia à educação foi um fator primordial, entretanto, o fato por si só não bastou para lograr à mulher um papel social de destaque. À mulher, é ainda necessária a conquista de muitos outros direitos a si negados.

Enquanto isso e até aqui, muitas lutas foram e são necessárias para que as mulheres garantam um pedaço do latifúndio que lhe é de direito. Embora nos dias atuais tenhamos mulheres ocupando importantes cargos nos mais diversos ramos como a política, a economia, a ciência, ainda ocorre muito preconceito.

O argumento da maternidade, por exemplo, continua a ocupar lugar de destaque no discurso machista da sociedade e, na maioria das vezes, em muitas empresas chega a ganhar status de justa-causa para que mulheres percam o emprego. Nessas situações os patrões se utilizam das justificativas mais absurdas para demitirem as empregadas antes, durante e principalmente depois da gestação.

Embora tenham se passado quase dois séculos do discurso de Nísia Floresta a favor da mulher e de sua educação, a presença feminina em determinados ambientes predominantemente masculinos continua a ser questionada por boa parte da sociedade ainda patriarcal<sup>2</sup>. Para os adeptos dessa ideologia, a mulher deve se comportar e frequentar locais que estejam de acordo com sua condição feminina. O lugar da mulher fica restrito a locais

---

<sup>2</sup> Sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem.

como a cozinha da casa, o tanque de lavar roupas, a tábua de passar, lugares que pertençam ao castelo da “rainha” do lar.

A liberdade é concedida como um prêmio de consolação para estas abençoadas rainhas, que elas sintam-se à vontade para irem aos supermercados, às creches e às escolas buscarem os filhos e, principalmente, aos templos religiosos representarem modelos da mulher pura e devotada. Algumas mulheres com alguma relutância por parte de seus maridos/proprietários ainda conseguem a algum custo a permissão para estudarem.

A partir do momento que a mulher tem acesso à educação, ela anseia alterar sua posição de simples coadjuvante e passa a buscar um novo papel: o de protagonista. No entanto, para o pensamento machista ainda vigente, mesmo quando a mulher consegue brilhar, é recomendável que ela mantenha seu sucesso de maneira que não ofusque o brilho do homem mais próximo: o pai, o irmão e principalmente o marido. Respeitadas as hierarquias masculinas, mesmo com o apoio familiar e dedicação total aos estudos, a batalha pelo emprego ainda é muito difícil, pois além da concorrência ser muito grande, o preconceito ainda consegue ser maior.

Uma parcela da população ainda defende as ideias discriminatórias de que a mulher é inferior ao homem. Podemos comprovar essa tese quando observamos que em muitas instituições, o salário das mulheres é inferior ao dos homens, mesmo ambos ocupando os mesmos cargos. Em diversos casos, as empresas são gerenciadas por homens que não aceitam serem subordinados a mulheres, o que acaba fazendo com que elas não sejam chamadas nem para a entrevista. Prefere-se optar pelos homens para os cargos mais importantes, mesmo que existam mulheres a altura. Na hora da seleção final dos currículos, as mulheres são excluídas ou ignoradas para não ferir o orgulho masculino. Para os adeptos dessa ideologia retrógrada, a mulher deve estar sempre em posições inferiores.

Conforme exposto até aqui, o processo social que inferioriza as mulheres perante a sociedade é muito mais complexo. De fato existe todo um sistema que ainda eleva a supremacia masculina sobre a classe feminina. A esse respeito, Saffioti (1987) esclarece:

Assim, torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato é o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior. (SAFFIOTI, 1987, p.29)



Para a desconstrução desse pensamento retrógrado e preconceituoso, faz-se necessário o reconhecimento de que a sociedade em geral é elitista, machista e homofóbica. E isso vale também para nossa época. A perpetuação do preconceito contra a mulher corrobora para que as posições na sociedade patriarcal não se modifiquem. A pirâmide social permanece inerte mantendo o poder do macho no topo, subjugando as outras camadas a seu bel prazer.

Os meios de comunicação também colaboram culturalmente para a perpetuação dessa condição social da mulher. Especialmente no caso do Brasil que é um país cuja população é fortemente apegada à cultura de massa, com destaque para a televisão.

Na terra do “Carnaval e do Futebol”, a telenovela relega para as mulheres negras e nordestinas o papel de empregadas domésticas. Em continuação, na publicidade, principalmente aquela televisionada, é comum a beleza da mulher servir de estereótipo de objeto sexual em campanhas de bebidas alcóolicas, por exemplo. São incontáveis os exemplos de anúncios que aparecem mulheres seminuas com a intenção de provocar a excitação nos homens para que eles comprem os produtos anunciados.

Em denúncia a essa realidade, Saffioti (1987, p.41) argumenta que “O capitalismo é incompatível com a igualdade social.” Segundo a autora, esse sistema econômico impossibilita o equilíbrio entre as diferentes raças e diferentes sexos da sociedade. A grande maioria dos trabalhadores vende sua força de trabalho para os patrões. Esses, por sua vez, prosseguem acumulando riquezas. E assim a roda da economia gira sempre com o intuito de manter tudo exatamente como está.

## **2.1 Reescrevendo papéis**

Aproximadamente a partir do século XIX inicia-se o advento da educação feminina e, aos poucos, as mulheres passam a conquistar novos lugares.

Segundo Telles (2002), nesse momento, juntamente com o dos nativos não europeus e os de outras culturas, ocorre a redefinição do papel da mulher. As mulheres burguesas tornam-se a maioria do público leitor, adentram ao ensino superior, mesmo sob forte discriminação e dificuldades impostas, e, portanto, começam a escrever e publicar.

Mas essa nova condição feminina não veio sem o ônus. A partir do momento em que as mulheres começam a publicar, constata-se como consequência desse novo papel a dificuldade de conciliá-lo com as antigas funções impostas ao sexo feminino. As escritoras precisam encontrar formas de encaixar em suas rotinas domésticas o tempo para que possam se dedicar aos textos. Contudo, apesar dos obstáculos à escrita, para essas mulheres escrever

torna-se uma arma fundamental. Sobre essa afirmação, Glória Anzaldúa (1980) assim define a escrita:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato resiste nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (ANZALDUÁ, 1980, p. 234)

Empossada de papel e caneta, as mulheres partem em direção da reescritura de suas histórias. Agora a literatura é delas, é a vez delas se expressarem. A escritora feminina nasce com o intuito de se afirmar enquanto um ser pensante. A época da submissão, de serem retratadas pela ótica masculina aos poucos começa a ser desfeita. Reescrevem-se os papéis.

Para Jozef (1989), nesse início, a poesia foi de fundamental importância para as mulheres adentrarem à escrita. Por apresentar um tom mais subjetivo e intimista, foi o gênero textual perfeito para as escritoras se posicionarem sobre os mais diversos temas, em especial, o preconceito sofrido por elas. Além da poesia, as cartas e os diários exerceram grande relevância na construção da identidade literária feminina.

Por outro lado, o citado autor também nos revela que a mulher escritora em surgimento também vive a angústia da culpa por escrever. A esse respeito, Josef (1989) apresenta o problema da escrita escondida, oculta. Muitas escritoras até então sentiam-se culpadas de estarem “ocupando” seu tempo com a escrita ao invés de estarem cuidando de seus afazeres domésticos. Esse complexo de culpa ainda hoje marginaliza a literatura feminina, ao ponto de muitas escritoras não disporem de tempo para se dedicar aos seus textos.

A questão do tempo e do espaço necessários para as mulheres desenvolverem seus textos continua sem solução. Cabe a cada escritora adaptar-se da maneira que mais lhe for conveniente.

Woolf (1928) diz que para a mulher desenvolver-se na escrita seriam necessários pelo menos dois itens: um teto e uma renda que fossem capazes de sustentar seu ofício de escritora. Com mais radicalidade, Anzaldúa (1980) orienta que “a mulher tem que ajustar-se a sua realidade, escrevendo sempre que possível, em qualquer hora e lugar” (ANZALDUÁ, 1980, p. 233). E dirigindo-se diretamente ainda a esta mulher escritora do seu tempo, a autora ordena: “esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso” (op.cit).

No século XX, um grande marco na reestruturação da escrita feminina foi o abandono aos tradicionais modelos de escrita masculinos. A nova forma de escrita deveria abordar o ponto de vista das mulheres. Para Jozef (1989) essa foi a grande conquista das escritoras femininas do século XX: deixar de copiar os moldes masculinos para criarem seus próprios estilos.

De acordo com a citada autora, a literatura feminina deveria conter uma escrita que comportasse a essência das mulheres. Sendo assim, Jozef (1989) acredita que:

A escrita da mulher tem que ser a escrita do sim. Sim á vida. Sim á diferença e ao corpo, enfim reencontrado. Escrita da mutação e da promessa, de uma sociedade outra, onde as mulheres não tomarão o poder, mas onde restituirão, á humanidade encerrada no mesmo, a sua metade oculta, humilhada, castrada. a riqueza da sua alteridade, este feminino que cada um e cada uma poderã enfim reconhecer em si. (JOZEF, 1989, p. 57)

### 3. MULHER E LITERATURA: BREVE PANORAMA

As mulheres sempre tiveram papel fundamental na Literatura. Mesmo com seus direitos sufocados durante muito tempo, sempre foram as mulheres a inspirar os poetas, a ocupar lugar de destaque nas narrativas enquanto personagens e a protagonizar grandes clássicos literários.

Mas, foi a partir do direito de acesso à educação, conforme apontado anteriormente, que aos poucos as mulheres foram reescrevendo suas funções e incluindo em sua rotina a escritura.

Apesar de duras e injustas críticas ao surgimento da nova condição feminina, a mulher resistiu, tornou-se autora e, com o passar do tempo, provou sua total capacidade na arte da escrita.

Acerca da resistência da literatura feminina aos obstáculos histórico-sociais de um passado recente, Jozef (1989, p. 56) enfatiza que:

A mulher, pela primeira vez na história, em larga escala, diz de sua visão particular sobre ela própria, sobre os homens, sobre a vida que os trata separadamente e junto com os homens. Juntos, homens e mulheres devemos deixar de tratar os livros de mulheres como se fossem de mulheres. A “crítica fálica” serviu para perpetuar o mito da inferioridade artística da mulher. (JOZEF, 1989, p.56)

Reinserida no universo literário, agora na posição que muitos opositores considerariam com a de invasora, a mulher entra/invade uma nova fase, passando a falar/narrar/versificar em sus textos de si própria, da vida, e mais temerosamente do ponto de vista misógino, dos homens. Agora ela é redatora de suas histórias.

Do ponto de vista estético, o Romantismo foi o marco inaugural para a literatura feminina. Entretanto, ao escreverem suas primeiras linhas sob os moldes românticos, muitas escritoras sentiam-se inseguras ao ponto de escreverem sob nomes falsos, pseudônimos masculinos e assim “Escondiam os sentimentos mais fundos” (GODOY, 1989, p.88). Os homens podiam dizer o que de fato sentiam. Elas, não. Por isso, talvez a escrita feminina da época seja aparentemente escassa do ponto de vista dos títulos e publicações.

A censura direcionada à autoria da mulher na sociedade patriarcal ainda está enraizada em nossa era contemporânea.

Nesse duro e oculto início, a literatura feminina é aceita desde que comporte os modelos pré-estabelecidos pelo autoritarismo patriarcal. Desse modo, várias escritoras converteram para a literatura infanto-juvenil ou mantiveram suas escritas o mais próximo possível da escrita masculina.

De todo modo, é impossível negar a força com que a literatura feminina foi se revelando para um mundo antes só de homens. Acerca disso, Oliveira (1990) argumenta:

A vinda das mulheres à criação literária é parte da energia que vem abrindo, ao longo dos séculos, a brecha em um paradigma milenar, o da separação dos mundos. É a travessia da fronteira do mundo dos homens, travessia acidentada que, paradoxalmente, revela um novo horizonte, o dos territórios do feminino. (OLIVEIRA, 1990, p.146).

A censura direcionada à autoria da mulher na sociedade patriarcal não impediu que muitos nomes se destacassem na criação literária a partir de então, passando a serem considerados exemplos da consolidação da literatura feminina como ícones de uma escrita de arte e de resistência. Inicial para consolidar a literatura feminina.

Nas linhas seguintes, apresentamos três dos nomes fundamentais à compreensão da literatura feminina em surgimento: Simone de Beauvoir, Virgínia Woolf e Nísia Floresta.

### **3.1 Simone de Beauvoir**

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir nasceu em Paris, França, em 09 de janeiro de 1908. É filha do então advogado Georges Bertrand de Beauvoir e de Françoise Brasseur. Sua biografia a define como escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política feminista e teórica social francesa.

Na juventude, Simone de Beauvoir estudou Matemática em colégio católico no Instituto Católico de Paris e aluna do curso de Filosofia da Universidade de Sorbonne. Na Universidade, a escritora conheceu Jean-Paul Sartre<sup>3</sup>, parceiro intelectual com quem manteve uma relação aberta durante toda sua vida.

Apesar da educação em escolas tradicionalmente adeptas do Catolicismo, Simone de Beauvoir optou pelo Ateísmo. A autora não se prendia às imposições da sociedade, era uma

---

<sup>3</sup> Jean-Paul Sartre, (1905-1980) foi filósofo e escritor francês, um dos maiores representantes do pensamento existencialista na França. “O Ser e o Nada” foi seu principal trabalho filosófico onde formulou seus pressupostos existencialistas.

mulher a frente do seu tempo em muitos aspectos. Ela não cedia aos modelos e hierarquias predominantes. Por apresentar esse espírito revolucionário, a escritora é considerada como uma das maiores teóricas do feminismo moderno.

Entre os anos de 1930 e 1940, a autora lecionou em diversas escolas. Com a invasão nazista na França, Beauvoir fugiu do país, retornando apenas com o fim da II Guerra Mundial. Participante assídua de encontros filosóficos, em 1945, juntamente com Jean-Paul Sartre, Merleau-Ponty e Raymond Aron, a escritora criou a revista “Tempos Modernos”, um importante canal para disseminação das ideias feministas.

Simone de Beauvoir faleceu aos 78 anos de idade no dia 14 de abril de 1986, vítima de pneumonia. Suas obras abrangeram as mais diversas áreas como: filosofia, política, sociologia. A autora também escreveu novelas, romances, peças de teatro, ensaios, entre outros. Sua obra mais importante é também considerada um marco para o movimento feminista: “O Segundo Sexo”, publicada em 1949.

“O Segundo Sexo” é uma obra que aborda acerca do papel da mulher e as opressões impostas a essa pela sociedade patriarcal. Sobre a autora e sua obra, Jozef (1989) comenta que:

Simone de Beauvoir teve razão ao nos definir como pessoas que pertencem, ao mesmo tempo, ao mundo masculino e à esfera onde nos impugnam, de que, dizem, nós fazemos parte. Esse processo criador para a mulher passa a ser muito importante. É como um jato de luz dentro das suas possibilidades. É um horizonte dentro de um mundo em que nem sempre essa tarefa foi valorizada (e nem sempre foi valorizada para em geral, nem para os homens, nem para as mulheres). A mulher se lança no mundo duplamente negativo: um ofício de escrever dentro de parâmetros masculinos e ela, como pessoa marginalizada. (JOZEF, 1989, p.49)

As obras de Simone de Beauvoir são de fundamental importância para compreendermos o feminismo e a luta da autora pela igualdade de gênero. A escritora foi adepta do Existencialismo, teoria na qual a liberdade é a principal característica e direito incondicional do ser humano.

Baseada nessa linha filosófica, Beauvoir defendia um modelo de liberdade vivido por ela mesma e desejado para todas as mulheres. Libertar-se dos dogmas da igreja, das regras da sociedade, da monogamia eram as principais bandeiras defendidas pela autora feminista. Com esse acervo ideológico, Simone de Beauvoir é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores nomes na disseminação das ideias feministas do século XX.

### 3.1.1 O Segundo Sexo

Considerada a “bíblia do feminismo”, o livro “O Segundo Sexo” é uma das obras mais importantes para o movimento feminista vivenciado nos anos 40. Publicado em 1949, foi incluído na lista de publicações proibidas pela Igreja Católica.

A obra analisa a situação da mulher na sociedade e critica duramente as instituições responsáveis pela opressão feminina como a igreja e a sociedade patriarcal das primeiras décadas do século XX.

No Brasil, a obra foi dividida em dois volumes: o primeiro volume é intitulado “Fatos e Mitos” e resume-se em apresentar fatos e fábulas que regulam a situação da mulher na sociedade. O segundo volume é denominado “A Experiência Vivida” e uma análise da condição feminina nas perspectivas social, política, sexual e psicológica.

Em “Fatos e Mitos” a autora questiona as regalias exigidas pelos homens e apresenta a complexidade existente na relação entre os sexos. Conforme o trecho em Beauvoir (1970):

Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade? (BEAUVOIR, 1970, p. 81)

Em análise de trechos da obra de Nísia Floresta (1889), percebemos semelhanças entre o discurso de Beauvoir (1970) e da autora brasileira. Ao analisar a obra de Floresta, Duarte (2010) afirma que ao relatar alguns preconceitos relativos às mulheres, Floresta (1889) denunciava o abuso do poder masculino e o modelo perverso de educação voltado para transformá-las em bonecas de uso exclusivo do público masculino (DUARTE, 2010).

Simone de Beauvoir (1970) argumenta sobre o poder patriarcal que é confiado aos homens. Segundo a autora, a sociedade torna-se patriarcal quando o homem toma consciência de si e impõe sua vontade. De forma semelhante, Saffioti (1987) afirma que o poder do patriarcado vai além de um sistema de dominação, ele atua também como um sistema de exploração.

Obras voltadas ao Feminismo geralmente aludem às ideias propostas por Beauvoir em “O Segundo Sexo (1970)”. É um livro que abrange as mais diversas áreas do conhecimento como a antropologia, psicanálise, história, filosofia, Existencialismo, entre outros. A autora apresenta uma linha do tempo com opressões sofridas pelas mulheres ao longo do tempo. Em

uma das contundentes afirmações da autora na obra, está a de que “toda a história das mulheres foi feita pelos homens” (BEAUVOIR, 1970, p.167).

Ao iniciar o segundo volume chamado “A Experiência Vivida” a autora escreve uma de suas frases mais impactantes. Beauvoir (1970) afirma que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

A escritora optou por usar o termo *castrado* para definir como o “resto” que a sociedade qualifica como feminino. Para o patriarcado, as mulheres seriam apenas uma espécie de sobra que deve permanecer na sombra do esplendor masculino.

Em “A Experiência Vivida” a escritora feminista discorre sobre as possíveis implicações que ocorrerão na mente e no corpo das meninas até elas tornarem-se mulheres; as mais diversas relações da sociedade para com os mais variados tipos de mulheres: casadas, lésbicas, moças, prostitutas, idosas, narcisistas, amorosas, entre outras. A autora também apresenta o modelo ideal de mulher independente.

De fato, uma obra perigosa do ponto de vista patriarcal.

### 3.2 Virginia Woolf

A autora britânica Adeline Virginia Woolf nasceu em Kensington, Inglaterra, em 25 de janeiro de 1882. Filha do editor e crítico literário Leslie Stephen e de Julia Duckworth, Virgínia Woolf foi incentivada aos estudos desde criança.

Segundo Teles (2002) em suas narrativas, Virgínia Woolf denunciava a utilização da mulher como objeto potencializador das conquistas masculinas, uma forma extra de a sociedade bajular os homens. Como resultado desse e de outros fortes argumentos a favor do feminino, até hoje a autora inglesa é considerada uma das mais importantes escritoras modernistas e uma das mais influentes defensoras dos direitos das mulheres.

Sobre a importância dos discursos de Woolf em defesa da mulher e como denúncia de sua condição social inferiorizada em relação aos homens, Telles (2002) salienta que:



Virginia Woolf, escritora e crítica literária inglesa que viveu nas primeiras décadas do século XX, comenta que durante séculos a mulher serviu de espelho mágico dotado do poder de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem isso, afirma, as glórias de todas as guerras seriam desconhecidas e os super-homens não teriam existido. A mulher serviu também de espelho mágico entre o artista e o Desconhecido, tornando-se musa inspiradora e criatura. (TELLES, 2002, p. 408).

As obras de Virginia Woolf são marcadas por seu posicionamento em relação às questões políticas, sociais e principalmente sua fala em defesa da emancipação feminina. Na infância, a autora sentiu na pele as desigualdades existentes entre homens e mulheres. Os irmãos de Virginia estudavam em Cambridge, enquanto ela tinha aulas em casa, o que a deixava contrariada. Ao longo de sua vida, Virginia presenciou as mais absurdas situações de preconceito, onde ela constata os privilégios que a sociedade patriarcal ofertava aos homens.

Quando Virginia tinha treze anos de idade sofreu seu primeiro grande abalo psicológico: a morte de sua mãe. Em seguida, veio a uma de abuso por parte de seu meio irmão George. Ela também presenciou as crises de loucura de sua meia irmã Laura, de quem, contraditoriamente, seguiu o modelo de força para superar os próprios traumas.

Em 1905, a autora participou da criação do Grupo de Bloomsbury, uma comunidade de intelectuais e artistas que debatiam as mais diversas temáticas da sociedade burguesa em áreas como a literatura, a política, filosofia, entre outras. Um ano depois, em 1906, Thoby Stephen, o irmão mais velho da escritora faleceu. O fato desencadeou na escritora uma nova crise nervosa.

A autora casou-se em 1912 com o escritor e editor Leonard Woolf. Em parceria com o marido, Virginia fundou a editora Hogarth Press, em Londres. Em 1917 a autora publicou seu primeiro romance “A Viagem”. A carreira de Virginia alavancou a partir da publicação de “Senhora Dalloway” (1925). Entre seus livros também merece destaque a obra “Um teto todo Seu” (1929).

Sofrendo de uma terrível depressão, Virginia suicidou-se no Rio Ouse, perto de sua casa em 28 de março de 1941. Antes de afogar-se, a escritora escreveu duas cartas, uma para sua irmã mais velha e outra para seu marido. O legado deixado pela escritora é de grande relevância para as mulheres, que nos dias atuais ainda sentem-se representadas pelo discurso libertador de Virginia Woolf.

### 3.2. 1 Um Teto Todo Seu

O ensaio intitulado “Um Teto Todo Seu” (1929) foi baseado em uma série de palestras que a autora apresentou em 1928, nas universidades femininas de Cambridge. A autora utiliza uma abordagem direta e nas páginas iniciais, ela desabafa sobre a complexidade que foi abordar esse tema. Woolf (1928) enfatiza que:

Tudo o que poderia fazer seria oferecer-lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende escrever ficção; e isso como vocês irão ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me ao dever de chegar a uma conclusão sobre essas duas questões – a mulher e a ficção, no que me diz respeito, permanecem como problemas não solucionados. (WOOLF, 1928, p.8)

A escritora nos convoca a refletirmos as dificuldades que são impostas as mulheres para que elas possam adentrar no universo literário. Por mais criativas e inteligentes que sejam, para a autora, as mulheres estariam em constante desvantagem por não poderem desfrutar de tempo e dinheiro para dedicarem-se a escrita. O teto pode ser representado como o local de criação que todo artista necessita para criar sua obra. O dinheiro representa a liberdade econômica que as mulheres precisam para dedicarem-se ao ofício da escrita.

Como a mulher desenvolverá suas habilidades na escrita se passa o tempo inteiro ocupada com os afazeres domésticos e a criação e educação dos filhos? Poderia ser o questionamento a pairar na escrita da autora. O dinheiro também é requisito indispensável para que a mulher possa manter-se com dignidade, sem a obrigatoriedade de pedir esmolas aos pais ou ao marido.

Virginia menciona o preconceito sofrido por ela enquanto descansava sentada na grama, meditando sobre como escreveria sua palestra sobre mulheres e ficção. Segundo o relato, aparece um homem que ordena que ela saia dali, pois aquele ambiente não lhe caberia. O gramado a beira do rio era destinado apenas aos estudantes. Essa circunstância é análoga à situação das mulheres que aspiram entrar na escrita. A sociedade possui uma voz de enorme poder coercitivo que as expulsa da literatura. Nesse caso, a escrita torna-se um não-lugar para as mulheres.

A herança que Virginia herdou de sua tia Caroline Emelia Stephene foi de enorme relevância para que a autora pudesse continuar sua carreira. Enquanto a sociedade exigia (e ainda hoje exige) que as mulheres sejam eternas escravas dos maridos, ou da família, a autora

radicalizava seu posicionamento contrário, pois possuía o poder aquisitivo para não se submeter às humilhações masculinas por causa de dinheiro. Assim ela narra:

Contudo, como estava dizendo, minha tia morreu; e sempre que troco uma nota de dez Xelins, desaparece um pouco daquela ferrugem e a corrosão é raspada, vão-se o medo e a amargura. De fato, pensei, deixando a prata escorregar para dentro de minha bolsa e recordando a amargura daqueles dias, é impressionante a mudança de ânimo que uma renda fixa promove. Nenhuma força no mundo pode arrancar-me minhas quinhentas libras. Comida, casa e roupas são minhas para sempre. Assim, cessam não apenas o esforço e o trabalho árduo, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me. Não preciso bajular homem algum, ele nada tem a dar-me. (WOOLF, 1928, p. 48)

Nesse trecho, a autora projeta o local ideal para que as mulheres pudessem escrever suas histórias. Para Virginia Woolf (1928) um quarto sossegado e à prova de som seria o paraíso para qualquer escritora, mas que, na prática, se aplicaria apenas às escritoras ricas.

As dificuldades para mulheres que almejam tornarem-se escritoras são, até hoje, motivos de grande indignação. Conforme defendido por Glória Anzaldúa (2000), no caso das mulheres, a própria classe feminina, a cultura e também o homem determinam que escrever não é função para elas.

No texto de Virginia Woolf (1928), percebemos o quanto eram revoltantes as discriminações que a sociedade patriarcal utiliza para determinar o ambiente reservado para cada sexo. As mulheres daquela época levavam uma vida reclusa à própria casa, destinando-se às tarefas domésticas, tinham suas capacidades intelectuais reprimidas. Aos homens, permitia-se tudo. Contrapondo-se a essa desigual condição feminina, Woolf (1928, p.86) defende “as mulheres são exatamente como os homens e necessitam exercitarem sua inteligência tanto quanto eles”.

Para que a magia da escrita aconteça, Virginia Woolf afirma ser necessário muito mais do que um ambiente de paz, é preciso que a mente esteja em perfeita sintonia entre o lado masculino e o feminino para que a arte da criação se realize. Novamente, associamos a semelhança entre seu discurso e a fala de Glória Anzaldúa (2000) que argumenta que a escrita é alquimia, é criar alma.

Em sua conclusão, a autora expõe os fatos que lhe permitiram constatar os dois requisitos básicos para a mulher se tornar escritora: uma renda própria e um quarto com fechadura. Apresenta o percurso de pensamentos e fatos ocorridos durante a elaboração daquele ensaio e faz um apelo para que as mulheres se tornem escritoras de todos os gêneros textuais. Assim diz a autora:

Portanto, peço-lhes que escrevam todo tipo de livros, não hesitando diante de nenhum assunto, por mais banal ou vasto que seja. Por bem ou por mal, espero que vocês se apoderem de dinheiro bastante para as viagens e o lazer, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros e vaguear pelas esquinas e mergulhar a linha do pensamento fundo na corrente. Pois de modo algum as restrinjo á ficção. Se quiserem agradar-me – e a milhares como eu -, podem escrever livros sobre viagens e aventuras, sobre pesquisas e estudos, história e geografia, crítica e filosofia e ciência. (WOOLF, 1928, p. 132-133).

“Um Teto todo Seu” está inserida entre as grandes publicações que defendem o acesso feminino à literatura. Nos dias atuais ainda é muito utilizada para demonstrar como as mulheres têm o direito e a capacidade de serem grandes escritoras.

### 3.3 Nísia Floresta

Dionísia Gonçalves Pinto nasceu em 12 de outubro de 1810, no sítio de seus pais em Papari, Rio Grande do Norte. Foi uma das pioneiras na briga das mulheres pelo direito a educação. Seus pais eram o escultor português Dionísio Gonçalves e Antônia Clara Freire. Sua vida passou por diversas atribulações: casou-se aos treze anos, mas logo no ano seguinte teve que fugir para o Recife devido a perseguições políticas. Nessa fuga, Nísia precisou largar o marido, fato que fez com que ela fosse desprezada pelos seus familiares, exceto sua mãe que sempre amou-a incondicionalmente.

Dionísio Gonçalves foi assassinado em 1828 e Nísia Floresta assumiu o sustento da casa. Aos vinte anos, a autora começou a lecionar em um colégio. Em 1832 ela casou-se com o advogado e acadêmico Augusto de Faria Rocha e publicou Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens. Nísia teve um casal de filhos e em 1838 mudou-se com toda a família para Porto Alegre. Após a morte do marido, a autora partiu com seus filhos para o Rio de Janeiro, onde ela fundou o colégio Augusto.

Nísia escrevia em jornais no Rio de Janeiro, mas por ser uma defensora da República e da abolição da escravatura, suas mensagens provocavam polêmicas. A inspiração que a autora buscou para criar seu pseudônimo surgiu do desejo de homenagear seus entes queridos. O nome “Nísia” homenageava seu pai, “Floresta” era homenagem ao sítio onde nasceu, “Brasileira” ao país que tanto amava e “Augusta” ao grande amor de sua vida.

A escritora sempre foi uma ferrenha defensora dos direitos das mulheres, mesmo fortemente pressionada pela sociedade patriarcal, Nísia não se deixava abater e anotava em

seus textos o desejo por um Brasil mais justo e igualitário. Sobre a importância de Nísia Floresta, Duarte (2010) considera que:

Num tempo em que a grande maioria das mulheres brasileira vivia trancafiada, sem nenhum direito; quando o ditado popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor” e tinha foros de verdade para muitos, nesse tempo Nísia Floresta dirigia colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia livros e mais livros para defender os direitos femininos, dos índios e dos escravos. Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. (DUARTE, 2010, p. 12).

Nísia Floresta é considerada por muitos estudiosos como a precursora do feminismo no Brasil. Seus textos questionam a falsa ideia de superioridade masculina em relação as mulheres e as demais classes submissas a eles. Mesmo sendo fortemente influenciada pelo pensamento religioso da época, a autora se diferenciava no que diz respeito as utilidades da mulher. Para Nísia Floresta a mulher deveria ser mais do que um mero acessório ou uma escrava apta a satisfazer os desejos masculinos. A igualdade era a bandeira levantada pela autora. Somente tornando-se iguais, homens e mulheres seriam verdadeiramente felizes.

Para Duarte (2000) a questão da educação é o tema mais recorrente nos textos de Nísia Floresta. A ignorância que a sociedade imputava a mulher agia de duas formas: restringia a mulher apenas a função de mãe/empregada e incapacitava sua participação de forma ativa da sociedade. Uma mulher com acesso a educação teria mais chances de libertar-se das opressões impostas pela sociedade patriarcal.

### **3.3.1 Opúsculo Humanitário**

A obra “Opúsculo Humanitário” foi publicada em 1853. Nessa obra a autora critica duramente o sistema educacional brasileiro e apresenta alguns apelos e sugestões que possam acelerar a inclusão das mulheres no acesso a educação.

No livro, Nísia Floresta apresenta uma linha do tempo com a evolução das mulheres nas civilizações antigas e também em algumas civilizações européias. Nísia aponta as contribuições femininas em suas respectivas nações e destaca o fato das mulheres européias terem evoluído com participação ativa na sociedade, seja como mães que educavam seus filhos ou como esposas inteligentes e úteis aos maridos. A autora faz uma dura crítica ao

modelo brasileiro de educação que só preparava as mulheres para serviços domésticos. Sobre a falta de políticas públicas que promovessem a educação para as brasileiras, a autora chama a atenção para o fato de não existirem tais projetos, Floresta (1989) argumenta que:

Temos testemunhado o empenho dos homens pensadores das nações cultas em harmonizar a educação da mulher com o grandioso porvir que se prepara á humanidade. Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação de nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhe obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada. (FLORESTA, 1989, p. 44).

No quesito educação, o Brasil estava atrasado em comparação a outros países, especialmente os europeus. Para Nísia Floresta (1989) ainda seriam precisos anos ou até mesmo séculos para que houvesse de fato, uma reforma educacional no país e o problema do preconceito fosse superado.

Do ponto de vista da autora, a negligência por parte das autoridades e a inaptidão da maioria dos encarregados pelo ensino eram os grandes vilões da educação, especialmente a feminina. Os pais também eram apontados como fatores de desmotivação para a educação feminina, pois, muitas vezes, preocupavam-se em instruir apenas os meninos, tendo em vista que acreditavam que suas filhas deveriam ser apenas donas de casa, moças de família.

A autora faz um apelo para que os pais eduquem suas filhas nos sólidos princípios da moral e na religião, oferecendo-lhes livros de filosofia religiosa. De acordo com o pensamento de Nísia Floresta (1989) a mulher não foi criada para ser boneca de salão, mas para ser reconhecida por suas qualidades de mulher baseadas nas virtudes cristãs.

Aos pais brasileiros, a autora apresenta uma questão em tom de desabafo. Floresta (1989) questiona:

Contemplai todos esses prodigiosos dons da providência, desdobrados a olhos indiferentes e recolhei-vos depois em vossos pensamentos, e meditai... Não vos diz a consciência que a mulher nascida nessa vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem até hoje representado? ( FLORESTA, 1989, p. 159)

Podemos constatar na escrita de Nísia Floresta um tom de ironia misturado com declarações de amor a pátria. Entre um parágrafo e outro, constatamos seu olhar apaixonado ao descrever o Brasil. A autora faleceu em Rouen, França em 1885. Em 1955, os restos mortais foram trazidos ao Brasil e seu túmulo foi construído sobre as ruínas da casa onde nasceu.

Ao finalizar o texto, a autora conclama os brasileiros para que todos, homens e mulheres caminhem juntos em direção ao progresso. Floresta (1989) afirma que “educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, á glória que leva o renome dos povos á mais remota posteridade.”

A leitura de *Opúsculo Humanitário* torna-se obrigatória em qualquer pesquisa que tenha como objetivo destacar a emancipação feminina. É um clássico da luta das mulheres por educação, pois demonstra o ponto de vista de uma escritora que atuou na educação enquanto diretora e professora. A obra de Nísia Floresta aponta um Brasil de atrasos e preconceitos, mas também revela um Brasil que aos poucos engatinhava para a educação feminina.

#### **4. A CONDIÇÃO DA MULHER NO ROMANCE “DONA NARCISA DE VILLAR”**

O romance “Dona Narcisa de Villar” apresenta duas personagens de universos completamente opostos, mas que se unem através da frágil condição feminina. Dona Narcisa de Villar, moça rica, caçula dos irmãos Villar que aceita impotente seu próprio estrangulamento executado por seu irmão. A índia Efigênia, empregada da família Villar que testemunhou o assassinato de Dona Narcisa impossibilitada de qualquer reação. Ela ainda grita implorando por misericórdia aos assassinos, mas não consegue deter os homicidas.

Essas mulheres representam o arquétipo das personagens femininas do Romantismo. Cada uma delas tem seu papel delimitado dentro da história. Dona Narcisa é a donzela casta e pura em perigo. Efigênia é a criada amorosa que adota a filha dos patrões, amando-a de todo coração.

##### **4.1 O Romantismo no Brasil: Breve Nota**

A Literatura Brasileira formou-se a partir dos moldes da literatura europeia, especialmente a portuguesa. Quando o país foi descoberto, os invasores impuseram sua língua e suas leis aos povos nativos. Desse modo, grande parte da nossa literatura imitou, por muito tempo, os modelos europeus. Cândido (1999, p.12) reforça que:

A sociedade brasileira não foi, portanto (como teria preferido que fosse certa imaginação romântica nacionalista), um prolongamento das culturas locais, mais ou menos destruídas. Foi transposição de leis, dos costumes, do equipamento espiritual das metrópoles. A partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais formou-se a sociedade brasileira, que viveu desde cedo a difícil situação de contacto entre as formas primitivas e formas avançadas, vida rude e vida requintada. Assim, a literatura não “nasceu” aqui: veio pronta de fora para transformar-se á medida que se formava uma sociedade nova.

Com a mudança da Coroa Portuguesa para o Brasil em 1808, a colônia passou por várias mudanças. Foram criados museus, bibliotecas públicas e escolas de ensino superior. O Governo Português recém-chegado também instalou tipografias, o que contribuiu imensamente para o nascimento de uma imprensa regular.

Nessa época, uma literatura genuinamente brasileira ainda não existia, os manuscritos aqui produzidos imitavam em vários aspectos as literaturas estrangeiras. Com o advento do



Romantismo, surge o projeto de construção de uma identidade nacional e inaugura-se novos traços dentro da escrita como o individualismo, o nacionalismo, o regionalismo, o indianismo, a pesquisa histórica, folclórica, entre outros.

Essas características rompem com os modelos anteriores e apresentam uma novidade aos leitores que percebem uma literatura mais ligada as tradições e personagens locais. O romântico apela aos sentimentos para expressar a realidade, deixando de lado a razão. Telles (2002) argumenta que “[...] Enquanto as formas de ficção anteriores tinham um direcionamento coletivo, o romance substitui essa tradição por uma orientação individualista e original.”

A imagem do índio é utilizada para representar o herói nacional. O indígena simboliza um povo guerreiro, honrado e patriota. Sobre essa literatura, Cândido (2002, p.38) ressalta que:

No Romantismo predomina a dimensão mais localista, com o esforço de ser diferente, afirmar a peculiaridade, criar uma expressão nova e se possível única para manifestar a singularidade do país e do Eu. Daí o desenvolvimento da confissão e do pitoresco, bem como a transformação do tema indígena em símbolo nacional, considerado *conditio sine qua*<sup>4</sup> para definir o caráter brasileiro e portanto legítimo do texto. (CÂNDIDO, 2002, p. 38)

A história de “Dona Narcisa de Villar” apresenta todas essas características: o índio Leonardo é o herói; Dona Narcisa a moçinha em perigo; os irmãos Villar são os vilões; e a misteriosa e exuberante Ilha do Mel é o local onde ocorre o trágico desfecho da narrativa.

## 4.2 O Romance Dona Narcisa de Villar

A obra Dona Narcisa de Villar pertence a escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo e Castro. O romance foi publicado no formato de livro em 1859, mas já havia sido lançado em capítulos avulsos no jornal “A Marmota”, no Rio de Janeiro, de 13 de abril a 6 de julho de 1858. O texto de Ana Luísa é pioneiro do gênero romance em Santa Catarina, e também um dos primeiros entre as obras assinadas por escritoras brasileiras.

---

<sup>4</sup> Ação ou condição que é indispensável, que é imprescindível, ou que é essencial.

Ana Luísa de Azevedo e Castro assinou o livro com o pseudônimo de Indígena do Ipiranga. Era uma mulher que estava à frente do seu tempo. Numa época onde as diretoras das escolas eram quase sempre estrangeiras, Ana Luísa atuava como professora e diretora .

A Indígena do Ipiranga também era poeta. Alguns de seus poemas também foram publicados no periódico “A Marmota”.

No início do livro há uma nota intitulada “Ao público” onde a autora revela ter escrito a obra na mocidade de seus dezesseis anos. Ali, a escritora antecipa-se ao leitor sobre o fato de não querer para si a presunção de muitas poetisas da época que mal publicavam sua poesia e já eram tomadas pela vaidade. Com humildade quase que auto-piedosa, Ana Luísa pede ao leitor que acolha sua obra e a perdoe pela mediocridade da linguagem.

Mesmo afirmando a particular antipatia por prólogos, e confessando não recordar-se de ter lido algum e toda a sua experiência como leitora de literatura, a autora acaba por iniciar sua narrativa dedicando mais de uma página ao Prólogo da obra. Conforme é próprio do gênero, nessa espécie de “prólogo apesar da rejeição”, Ana Luísa instiga o leitor a descobrir o mistério que tornou mal-assombrada a pequenina Ilha do Mel.

Nessa passagem do livro, a narradora é uma criança apelidada de Taim, que significa menina, na língua dos indígenas. Taim deseja ouvir a amaldiçoada história da Ilha do Mel, e de tanto insistir com suas criadas, as índias tia Simôa e mãe Micaela, a menina acaba realizando seu desejo. Mãe Micaela ainda alerta que aquela era uma história do Anhangá<sup>5</sup>, mas Taim estava determinada e não temia aquele demônio.

A partir desse ponto, quem assume a narração é a índia mãe. Já no Prólogo da obra, detecta-se alguns importantes traços do Romantismo na narrativa de Ana Luísa. Temos aqui, a ocorrência de duas características da geração romântica: a valorização do folclore, com a menção de Anhangá, e a referência à tradição das narrativas orais própria dos povos primitivos.

A história de Dona Narcisa de Villar se inicia de fato, com a narradora situando geograficamente a Vila de São Francisco Xavier e apresentando os irmãos Villar como os donos da região. Dominada pelo sentimento nacionalista, ela faz uma dura crítica social aos perversos irmãos de Dona Narcisa e ao modelo administrativo imposto por Portugal à colônia brasileira.

---

<sup>5</sup> Espírito Maligno.

Após o falecimento de sua mãe, Dona Narcisa de Villar é enviada ao Brasil para ser criada pelos irmãos. Entretanto, de seus parentes a menina só recebe o abandono. Eles entregam-na aos cuidados da índia Efigênia. Logo, se estabelece uma relação maternal entre as duas. Como forma de pagamento pelo amor recebido, Dona Narcisa ensina o filho de sua criada, Leonardo, a ler e a obedecer às leis da Igreja. Com isso, começa a surgir no coração de indígena uma admiração tão grande por sua jovem mentora, que o rapaz passa a enxergar em Dona Narcisa o próprio Deus descrito no Evangelho.

Com o passar dos anos, os jovens crescem, Leonardo se torna homem e Dona Narcisa se torna a moça mais linda da região. O índio, diferentemente dos outros criados, se veste com roupas elegantes e possui modos distintos. Durante as festividades de Nossa Senhora das Graças, os irmãos Villar ordenam a presença da irmã na casa de D. Luís de Villar. A moça parte com a criada Efigênia rumo à casa dos irmãos e, ao chegar lá, é surpreendida com a presença do Coronel Pedro Paulo, um fidalgo com quem os irmãos pretendiam casá-la e que, aos olhos de Narcisa era um ser repugnante.

Dona Narcisa de Villar fica refém daquela situação: casar-se sem amor apenas para cumprir a ordem dos irmãos. Na angústia de quem está prestes a perder o grande amor de sua vida, Leonardo se declara para a moça. Então, os dois enamorados decidem fugir na noite do casamento de Dona Narcisa de Villar com o Coronel Pedro Paulo. O indígena sequestra Narcisa e os dois resolver seguir em fuga num bote pelo mar.

O plano teria dado certo se Leonardo não tivesse sido observado pelo noivo de Narcisa que, a para da empreita, resolve dar parte do sequestro aos irmãos da noiva. Os irmãos partem em perseguição a jovem casal que, na tentativa desesperada de escapar da morte, procuram refúgio na Ilha do Mel.

Já na ilha, os fujões são apanhados e assassinados pelos irmãos Villar. A índia Efigênia também chega ao local, e na tentativa de evitar a morte do filho querido, revela que Leonardo é herdeiro de D. Luís, o que o tornava sobrinho de Dona Narcisa. Os irmãos Villar não acreditam na índia e seguem com o assassinato de Leonardo. A índia fica estarecida diante de tanta maldade.

Podemos perceber a empatia da autora pelos indígenas ao posicionar-se a favor deles na narrativa e o desprezo pelo europeu colonizador. Na obra, os índios são apresentados como um valoroso povo guerreiro e os portugueses como invasores sem escrúpulos, demônios.

A idealização da mulher também é nítida na construção narrativa da personagem Dona Narcisa de Villar. Sob a voz da narrador, a escritora não economiza elogios à protagonista.

Leonardo também é transformado de sua condição de índio selvagem e atravessa um processo de modificação: como forma de demonstrar gratidão pelo carinho recebido por Efigênia, a caçula dos Villar educa Leonardo ensinando-o a ler e a obedecer aos preceitos da religião católica (CASTRO, 1990). Instruído, o índio assume outro papel: “Ele não andava vestido como seus companheiros de escravidão; suas roupas eram elegantes e seus modos eram distintos” (CASTRO, 1990, p. 26).

A submissão da mulher é outro marco do Romantismo. Dona Narcisa é obrigada a casar-se mesmo contra sua vontade. O casamento arranjado para a irmã seria um “negócio” bastante lucrativo para os irmãos Villar.

### **4.3 Análise da Condição da Mulher no Romance**

Na obra, a mulher aparece retratada nas personagens Dona Narcisa e a índia Efigênia. Cada uma com sua própria personalidade dão voz aos modelos femininos das mulheres do Romantismo. Enquanto uma é o anjo de bondade, a indígena representa o mito da boa selvagem.

#### **4.3.1 Dona Narcisa**

Dona Narcisa de Villar é enviada ao Brasil com doze anos de idade após a morte de sua mãe. A menina apresentava fisionomia doce e meiga. Os irmãos a ignoravam e ela ficou aos cuidados da índia Efigênia. Logo se estabeleceu entre elas uma relação de amor. Como forma de agradecimento pelo carinho recebido, Narcisa educa Leonardo, o filho de Efigênia, ensinando-o a ler e a obedecer os preceitos da religião católica. A partir desse momento inicia uma relação de cumplicidade entre os dois.

Com o passar dos anos, a menina Narcisa transforma-se numa linda mulher. Castro (1990, p. 26-27) salienta que:

Seu pescoço alvo e longo como o da gaivota de nossas margens, era ornado de colares de diamantes, cujos laços lhe cobriam o alvo colo; seus cabelos pretos e lustrosos como as asas da jacutinga, eram suspensos no alto da fronte por flores de pedra de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o do beija-flor, era desenhado pelas longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata; seus pés calçavam uns sapatinhos de cetim branco, de salto, que tornavam ainda mais majestoso o andar de rainha. Ah! que era a mais bela virgem de todo o bairro! (CASTRO, 1990, p.26-27)

Nas características atribuídas a Dona Narcisa, observamos nitidamente o estereótipo clássico da mulher romântica: frágil, educada, pura, graciosa. A personagem representa essa mulher, ela foi enviada para ser criada por Efigênia, e só retorna a casa dos irmãos Villar quando estes têm a intenção de casá-la com o coronel Pedro Paulo.

O casamento por interesse arranjado pelos irmãos foi questionado pela moça que não pôde fazer nada, apenas obedecer. Ela argumentou não amá-lo ao ponto de casar-se, mas de nada adiantou. As mulheres daquela época, especialmente as moças de família rica não tinham o privilégio de casar-se por amor. O casamento era uma forma para que a riqueza da família permanecesse entre eles. Dona Narcisa foi coagida a aceitar a situação.

Dona Narcisa é retratada como uma mulher frágil e obediente. Nos encontros com os irmãos, constantemente era forçada a fazer algo: “Mandaram-na sentar em uma poltrona dourada, e ordenaram-lhe que assinasse um grande papel amarelado. Depois disso, [...] deram ordem ao padre para a confessar.” (CASTRO, 1990, p. 32)

Percebemos que o sentimento que Dona Narcisa tem pelos irmãos é o de temor, razão de sua obediência sem questionamentos aparentes. A falta de liberdade da mulher é uma característica das personagens românticas. Nesse caso, “a donzela cheia de pavor obedeceu tudo sem hesitar, sem indagar mesmo o motivo” (CASTRO, 1990, p.32).

Apesar do pavor que Dona Narcisa nutria pelos irmãos, é no amor por Leonardo que ela encontra forças para enfrentá-los. Após o casal ser capturado na Ilha do Mel, a noiva de Coronel Pedro Paulo se recusa a obedecer os irmãos e confronta-os. A moça assume seu amor pelo índio e se resiste à ideia de deixá-lo mesmo após sua morte. Narcisa de Villar prefere morrer ao lado de seu grande amor que submeter-se aos caprichos de seus irmãos.

A coragem demonstrada pela moça gera sua sentença de morte. Como seus irmãos não conseguiam perdoá-la por ter preferido Leonardo, a sufocam com as próprias tranças de seus cabelos. Dona Narcisa é sacrificada como o Cordeiro Imolado, em nome da honra de sua família e em reparação à mancha provocada sobre o nome Villar, conforme acusação de seus irmãos.

#### *4.3.2- Efigênia*

A índia Efigênia é empregada dos irmãos Villar encarregada da criação da menina Narcisa. A indígena tinha um filho que se chamava Leonardo. Logo se estabeleceu entre eles uma relação quase familiar. A índia sentia como se a menina fosse também sua filha, e tratava de seus cuidados com muito carinho e dedicação. Conforme descrição de Castro (1990), “a

índia era educada, inteligente e amava Dona Narcisa a ponto de entristecer-se sempre que se afastava da menina”.

Efigênia era filha do Cacique da Tribo Tupi. No passado, ela e seu povo haviam acolhido D. Luiz de Villar quando o barco dele naufragou. A jovem índia então apaixonou-se pelo moço fidalgo por e se entrega de corpo e alma àquela paixão. Mas D. Luiz tinha outros planos. Quando o moço português vai embora da tribo, Efigênia desesperou-se, pois acreditava cegamente nas juras de amor do ambicioso Villar. Grávida de D. Luís de Villar, a índia passa a ser odiada por todos de sua aldeia. Com isso, decide partir à procura de seu grande amor.

Quando enfim consegue encontrar abrigo num sítio e ali criar o filho, a índia e menino são enviados para as terras dos Irmãos Villar. Ali foram batizados, ela ganhou o nome de Efigênia e o pequeno indígena de Leonardo.

A índia guardara aquele segredo por toda a vida, pois não queria o filho soubesse que ele era o motivo de desonra de sua tribo. Entretanto, ao ver o filho envolto num poço de sangue em plena Ilha do Mel, Efigênia roga uma praga sobre os assassinos:

-Que! meu filho... morto!...o filho... de minha entranhas!... o meu ... Leonardo... sem vida...ah! e morto por quem?!. por eles!... por seus tios... por seus pai!.. Oh! acrescentou Efigênia, ajoelhando-se e estendendo a mão com sublime expressão de dor, e com voz solene fixando D. Luiz; tu que seduziste a filha de teu hóspede, tu que negaste o mais puro e sincero amor, tu que desconheces as mais sagradas leis da natureza, tu que não tens coração senão para forjares o mal, homem degenerado, eu te amaldiçoô!.. (CASTRO, 1990, p.79)

Uma das grandes características do Romantismo era justamente a opção por personagens que remetessem à força, bravura e honradez do povo brasileiro. Encontramos tais características em Efigênia. Muito além de representar o mito do bom selvagem, a indígena possui uma força de vontade que supera essa ideologia.

Em sua construção narrativa, podemos observar a grandeza de Efigênia. Ela representa a força das mães brasileiras, mulheres guerreiras que não medem esforços para ver a felicidade dos filhos. Apesar de não ser a mãe biológica de Dona Narcisa, a índia a amava de corpo e alma. Fazia tudo pela menina. Tinha uma verdadeira devoção pela caçula dos Villar. A índia enfrentava até mesmo a tirania dos patrões:

Na solidão em que vive... disse Efigênia respondendo ao dito de D. Martim...- Não falo contigo, mulher, atalhou o senhor de Villar e com arrogância: retira-te que desejo ficar só com a senhora. A pobre criatura perturbada pelo poder dessa voz imperiosa que lhe calava na alma, olhou para a donzela, que estava pálida e trêmula como uma silva batida pelo vento do sul. A essa vista, a filha dos bosques recuperou toda a sua energia, e tornou resoluta ao grande fidalgo: - Minha nobre ama, senhor,

não está habituada á sua visita; ela nunca se separa de mim. Olhe, treme de medo e vai ficar doente! ... Perdão, meu senhor; mas não sairei de junto dela. – Rústica, sai, disse o senhor de Villar erguendo-se com furor e levantando os punhos ás face da índia. (CASTRO, 1990, p.46)

Apesar de não ter conseguido evitar o assassinato de Dona Narcisa, a indígena permaneceu fiel à moça até os últimos instantes de sua vida. Ainda abalada emocionalmente pela morte do filho, a pobre índia presencia sem poder fazer nada, o assassinato de Dona Narcisa de Villar. Como desejando manter-se unida ao casal, Efigênia abriu uma cova no fundo da gruta da Ilha do Mel e ali enterrou os dois filhos que ela tanto amou. A gruta também passaria a ser a morada da índia pelo resto de sua vida.

Mas o destino reservava à triste Efigência outra sorte. Algum tempo depois, apareceu um capitão perdido que havia prometido a Virgem de Nazaré desposar a primeira mulher que encontrasse em terra. Quis o destino que essa mulher fosse Efigênia. A princípio a indígena hesitou em aceitar o pedido do Capitão, mas foi convencida que aquela seria a vontade de Deus. Eles casaram-se e a índia pôde enfim desfrutar da felicidade. “Os frutos dessa união geraram uma família ilustre da província de São Paulo (CASTRO, 1990).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o percurso da mulher em sua luta por respeito e igualdade, constatamos o quanto foi sofrida sua caminhada até aqui. Não que já tenhamos um mundo igualitário e respeitoso em relação ao ser feminino, isso ainda é pura utopia. Entretanto, análises como essa, são de fundamental importância para valorizarmos a batalha feminina por cada linha, cada palavra, cada lei que assegure os seus direitos.

Quando observamos mulheres em passeatas, greves ou entrevistas defendendo e brigando por seus direitos, percebemos que de fato, ainda há muito que conquistar. A sociedade, ainda patriarcal, dissemina a ideologia da superioridade masculina, seja nos anúncios publicitários de cunho sexista, seja na utilização do argumento da maternidade como fator preponderante para que as mulheres tenham menores salários que os homens.

A Literatura foi durante muito tempo o não-lugar para mulheres. Posteriormente, garantido o acesso das mulheres à educação, elas invadem o território da escrita, até então propriedade exclusiva dos homens. O resgate do pensamento de grandes feministas nos direciona a compreender a dificuldade histórica da mulher em tornar-se escritora. Mesmo marginalizadas, a exemplo das autoras tratadas aqui, as escritoras do final do século XIX e às primeiras décadas do século XX, empenharam-se em dar voz à escrita feminina, garantindo uma não somente para as mulheres de sua época, mas para as futuras gerações, um lugar de destaque na Literatura.

Os resultados obtidos por meio desse estudo revelaram que para que as mulheres obtivessem êxito em sua luta por liberdade e reconhecimento, foram necessárias várias batalhas e, que graças à persistência e ao engajamento coletivo, elas têm conseguido reescrever seu papel na História.

A personagem Dona Narcisa de Villar ainda hoje simboliza várias mulheres que são vítimas da opressão da sociedade patriarcal. Que papéis as mulheres ocuparão quando estiverem de fato livres de tamanha opressão? Haverá espaço para uma Literatura Feminina livre do machismo?

O resgate de obras como Dona Narcisa de Villar é de fundamental importância nesse momento em que as mulheres procuram o empoderamento como forma de resistência e autoafirmação no enfrentamento dos preconceitos enraizados nas diversas camadas da sociedade.



Esperamos ter contribuído para a elucidação de questões tão relevantes na busca de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa. Que as mulheres possam a cada dia sentirem-se livres para assumir o papel de protagonistas na literatura e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229 - 236, jan. 2000.
- ARRÊAS, Wilma. Figurações do Feminino em Luzia-Homem. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 91-102, junho, 1990.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação a literatura brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- CASTRO, Ana Luíza de Azevedo. **D. Narcisa de Villar Legenda do Tempo Colonial**. Santa Catarina, Editora Semprelo, 1990.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010.
- FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Manual de Normalização para a elaboração de trabalhos acadêmico-científicos da Universidade Federal do Tocantins**. Palmas: Sisbid, 2017.
- GODOY, Julita. Romance/s. In: COELHO, Nelly Novaes (Org.). **Feminino Singular**. São Paulo: GRD, p. 86-99. 1989.
- JOSEF, Bella. A Mulher e o Processo Criador. In: COELHO, Nelly Novaes (Org.). **Feminino Singular**. São Paulo: GRD, p. 44-58. 1989.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy. A Cicatriz do Andrógino. . **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 145-162, junho, 1990.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987
- STUDART, Heloneida. **Mulher objeto de cama e mesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.
- TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 401-441.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo Seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1928.